

II SIMPÓSIO MINEIRO DE TANATOLOGIA:

CRIANDO PONTES E REDES NO PROCESSO DE NASCER, VIVER E MORRER.

PALESTRA: “A TANATOLOGIA NAS GERAIS”

PALESTRANTE: Margarida Maria Paulo Rodrigues Vargas
Psicóloga

A TANATOLOGIA NAS GERAIS

Bom dia!

Antes de mais nada, quero agradecer aos organizadores a gentileza do convite que me deixa muito honrada e feliz.

Como o nosso tema é a *Tanatologia nas Gerais*, penso que a primeira coisa a fazer é situar geograficamente meu trabalho.

Vivo em Muriaé, distante 340 km de Belo Horizonte, uma cidade com cerca de 100.000 habitantes, de economia tradicionalmente voltada para os setores agrícola e de confecções.

Os quatro últimos anos têm sido de transformações importantes: Muriaé recebeu o Centro Brasileiro de Oncologia, hospital com área construída de 16.912 m², ligado à Fundação Cristiano Varella que inclui Rádio AM e FM, um canal de TV regional, o Memorial Cristiano Varella, e também ligado à Faculdade de Minas – Faminas, com 15 cursos universitários (Educação Física, Jornalismo, Publicidade, Direito, Fisioterapia, Bioquímica, Nutrição, Psicologia, Enfermagem entre outros).

Todas estas informações querem mostrar a vocês que a cidade de Muriaé, e de maneira especial, seus profissionais da área de saúde, vivem um momento de muitas mudanças, muito aprendizado, muitas questões e expectativas.

A maior delas, eu quero crer, a que depende em grande parte de mim, é formar nas crianças que estão comigo, minhas sobrinhas, uma mentalidade mais solidária, menos indiferente aos outros, uma convicção firme de que responsabilidade social é coisa pra todo mundo, pra qualquer um de nós e em qualquer tempo. Esta expectativa envolveu toda a minha família no *Projeto Di Vida* que vou apresentar pra vocês.

Um hospital específico para o tratamento do câncer numa cidade relativamente pequena traz mudanças importantes: a população recebe novos “membros”; de certa forma, é levada a prestar atenção (ou a desviar o olhar) ao encontrar na rua, mulheres que perderam o cabelo e mostram isso nos lenços coloridos, nos chapéus criativos ou na ausência de disfarces de qualquer tipo; uma linha de ônibus antes muito tranqüila, passa a ter horários particularmente importantes que coincidem com as visitas diárias aos parentes internados; muitas novas especialidades médicas e afins passam a figurar na linguagem corrente da “população comum”; as rádios AM transmitem recados, notícias, esclarecem dúvidas; a cidade sedia eventos, se veste de camisetas temáticas e uma hora ou outra questiona a relação histórica câncer/morte.

E onde entra a Tanatologia neste contexto? Embora como psicóloga eu já tivesse vivido experiências onde a Tanatologia me deu suporte (experiência relatada há dois anos num Simpósio como este), era possível ainda, mantê-las isoladas no rol das práticas eventuais, esporádicas, estatisticamente pouco representativas para a área da saúde e para a comunidade também. Confesso a vocês que, na primeira vez que fui chamada a assistir uma família numa situação de perda inesperada e violenta, a palavra TANATOLOGIA ainda não

fazia parte do meu vocabulário e o meu suporte foi minha formação psicanalítica, além dos quase 20 anos de clínica com crianças e adolescentes.

Causei espanto! Fui muito criticada, interrogada e apontada na cidade, inclusive por médicos, colegas psicólogos, educadores, etc.

A morte permanece assunto proibido, sobre o qual os eufemismos, as meias verdades, as metáforas e o silêncio são recomendações freqüentes, seguidas de medo, solidão, sentimento de abandono e sofrimento além do necessário.

Com a especialização em Psico-oncologia feita aqui em BH, o contato com o Dr. Evaldo Alves D'Assumpção, a formação da Rede Nacional de Tanatologia, cujo primeiro presidente, Aroldo Escudeiro, esteve em Muriaé realizando uma palestra para cerca de 100 pessoas e também um grupo de trabalho (Elaboração de Perdas e Lutos), a TANATOLOGIA, nome e prática, foram corajosamente apresentados à cidade. Curiosamente, nenhum profissional da área de saúde, esteve presente aos eventos, exceção honrosa feita a dois auxiliares de enfermagem.

As 100 pessoas que compareceram à palestra são ligadas às pastorais de saúde, visitas hospitalares, grupos assistenciais de todas as religiões e/ou independentes delas. Isso, numa época em que se fala de Humanização da Assistência Médica. A gente se enche de esperança, pensando que a busca de Humanização seja o primeiro passo após o reconhecimento da desumanização, mas quando uma paciente enfrenta bravamente a QT numa recidiva de um câncer particularmente agressivo que lhe custou ombro e braço direitos e, vencida a primeira batalha do 2º round, ouve do médico que “achava que desta vez você não ia escapar”, a esperança se encolhe... Não a esperança na vitória da paciente, mas na humanização do cuidado e do cuidador.

Assim, tenho a sensação de que a TANATOLOGIA exista, em Muriaé, para mim e para as pessoas ligadas ao meu trabalho voluntário com o *Di Vida* – Grupo de Apoio a Pacientes de Câncer e Familiares, meu único vínculo com a formação em Psico-oncologia. Aqui sim, a TANATOLOGIA tem um lugar importante, é vista de frente, de perto, de verdade.

Conceituada como a “ciência que olha a vida segundo aquilo que se aprende com quem está morrendo” (D'ASSUMPÇÃO, 2001), ou com quem, num determinado ponto de sua vida, não pôde negar esta possibilidade, a TANATOLOGIA sustenta a dinâmica do *Grupo Di Vida*. Convencidas, todas nós, de que a vida é para ser vivida, de que cada acontecimento tem o seu lugar, de que o presente é de fato um presente e não dura para sempre, estamos aprendendo a chorar quando o momento é de dor (e eles são muitos), a acompanhar quando a hora é de solidão, a festejar quando é festa e a celebrar tudo, cada coisinha que acontece, na hora mesma em que ela acontece. Estamos treinando nossos sentidos para que vejam em tudo à nossa volta, o que há de belo, de bom, de aconchegante.

Apoiada nestes exercícios, aceitei a oferta do músico Edmilson Elpes dos Santos, para formar o *Coral Di Vida*. Lindo! As únicas condições impostas a

ele (coral) é que só cantemos o que queiramos dizer a quem nos ouve e só nos apresentemos em situações que combinem com nossos objetivos (hospitais, asilos, pastorais, grupos de serviço, etc.).

Nossa outra atividade é a Oficina de Bijouterias. Vocês não imaginam a alegria que a gente sente ao ver nossos colares nas vitrines de lojas reconhecidas por toda cidade! Não há conceito que diga mais de auto-estima, de orgulho e de prazer do que a experiência de pessoas simples (lavadeiras, faxineiras, empregadas domésticas, costureiras) ao receberem elogios sinceros pelas peças produzidas. No início da Oficina, ninguém se aventurava a “criar”; hoje, um ano e meio mais tarde, todo mundo cria, todo mundo aceita com tranqüilidade a observação que obriga a desmanchar e fazer tudo de novo, porque pode ficar melhor.

Agora, estamos entrando noutra área: camisetas temáticas com o toque artesanal do *Grupo Di Vida*. Mais uma vez, usamos o que chamamos Belo para dizer o que achamos Bom. Os temas são:

- Di vida comigo o cultivo da paz;
- Di vida a felicidade para fazê-la crescer;
- Di vida com o mundo todo o seu amor;
- Di vida com o mundo toda a paz que está no seu coração

Estes temas foram transformados em cartões que lançamos para o Natal e decidimos no Grupo que não faríamos a oferta deles para empresas que não fossem, no dia-a-dia, sensíveis às causas humanitárias. A gente tem se dado ao luxo de ser fiel aos nossos valores: estamos tão orgulhosas de nós mesmas!

Para terminar, quero dizer que, por força da nossa cultura, as pessoas que procuram atendimento nas situações de perdas e luto, fazem sempre uma ponte com a fé.

Com o *Grupo Di Vida* estou aprendendo que a resposta do profissional precisa ser na linguagem de quem traz a questão. Usar um discurso de tom religioso pode confortar quem tem fé e está em dúvida; pode até ser a única linguagem aceita por aquela pessoa, naquela situação. Nenhuma doutrinação, porém, deve ser tentada bem como nenhuma crítica ou discriminação. Também não vejo com bons olhos o uso da religião como único instrumento do profissional para o trabalho de elaboração do processo de luto. Pessoalmente, me apóio na tese de que mais sagrada é a vida e isso me deixa flexível o bastante, atenta a tudo que possa ser trazido à tona para re-ligar este paciente à vida.

Posso dar um exemplo onde a questão religiosa, que era do meu conhecimento, seria o único conforto aceito, a melhor via de elaboração. Tivemos no *Grupo Di Vida*, duas pacientes, primas e amigas, que vieram uma acompanhando a outra. Doenças diferentes, embora semelhantes: câncer! Quando uma delas teve a recidiva e estava fora de possibilidades de cura, a outra sonhou que ela estava num palco, cercada por uma multidão, dando testemunho da sua cura operada pelo Senhor. Trouxe o sonho para o Grupo e a

interpretação unânime das pacientes foi a de que este era um sinal de que o Senhor iria curá-la.

Sem destruir esta esperança, mas convencida de que eu precisava prepará-las para a possibilidade disto não acontecer, fiz apenas um lembrete, dizendo que muitas vezes tínhamos lido e falado que a verdadeira vida é a vida eterna que nos foi prometida por Deus após esta vida. Então, talvez o sonho também pudesse estar dizendo que, em breve, esta nossa amiga, estaria vivendo uma vida sem dores, sem males, curada para sempre. Sei que a reflexão foi dura. A mim também custou caro. Mas, na morte que aconteceu dias depois, o Grupo não sucumbiu, embora tenha sofrido. Fotos, lembranças, saudades, são aceitas e expressas com tranqüilidade.

Uma interpretação assim só foi feita porque nesta reunião, todas as pacientes eram “religiosas”.

“A morte ensina-nos a amar a vida, e não a desprezá-la. Ensina-nos a valorizar cada instante e nunca desvalorizá-lo. Ensina-nos a dar imenso valor a todas as coisas, mesmo àquelas que muitos julgam totalmente inúteis” (D’ASSUMPCÃO, 2001). Ensina-nos que, por mais que esteja errada, “é a vida, é bonita e é bonita”.

Margarida Maria Paulo Rodrigues Vargas
CRP-04/2843

Muriaé, novembro de 2006

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AITKEN, Eleny Vassão de Paula. **O desafio continua** – a missão da Igreja frente à AIDS. São Paulo: Prol Editora Gráfica Ltda.

_____. **Mal em bem**. Campinas: Luz para o caminho, 1994.

_____. **Aconselhamento a pacientes terminais**. 2.ed. rev. Campinas: Luz para o caminho, 1996.

_____. **Consolo**. 3.ed. São Paulo: Cultura cristã, 1996.

D'ASSUMPÇÃO, Evaldo Alves. **O sentido da vida e da morte**. 3.ed. São Paulo: O recado, 1998.

_____. **Dizendo adeus** (como viver o luto, para superá-lo). Belo Horizonte: PUC Minas, 2001.

_____. **Arquivos de Tanatologia e Bioética**, 3 volumes - Belo Horizonte: Fumar, 2002.

_____. **Os que partem, os que ficam**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Grupo de suporte ao luto (GSUL)**. São Paulo: Paulinas, 2003.

FRANCO, Maria Helena Pereira. **A Psicoterapia em situações de perdas e luto**. Campinas: Livro Pleno, 2000.

_____. **Uma jornada sobre o luto** – “A morte e o luto sob diferentes olhares”. Campinas: Livro Pleno, 2000.

_____. (Org.). **Vida e morte: laços da existência**. Campinas: Livro Pleno, 2000.

MARKHAM, Ursula. **Luto: esclarecendo suas dúvidas**. Trad. Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Agora, 2000.

PESSINI, Leocir. **Eutanásia e América Latina** – questões ético-teológicas. Aparecida: Santuário, 1990.

REZENDE, Vera Lúcia (Org.). **Reflexões sobre a vida e a morte: abordagem interdisciplinar do paciente terminal**. Campinas: Unicamp, 2000.

VARELLA, Drauzio. **Por um fio**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.